

A maldição do Conselho de Ética

Maioria dos conselheiros eleitos em 2001 passou por derrotas

NELSON BREVE

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

BRASÍLIA – O plenário do Senado deve realizar esta semana uma eleição para recompor o Conselho de Ética, que foi praticamente desmantelado pelos infortúnios eleitorais de seus integrantes. Dos 31 cargos de conselheiro, 19 estão vagos. Apenas 12 teriam condições de comparecer a uma reunião – sete titulares e cinco suplentes. Mesmo assim, haveria distorção na proporcionalidade partidária, tornando inviável qualquer deliberação.

É a primeira vez que o Conselho de Ética, instituído há quase oito anos, tem desfalecimento tão expressivo. Parece que uma maldição se abateu sobre o colegiado eleito após a cassação de Luiz Estevão (DF), o primeiro – e, até agora, único – senador cassado por seus próprios pares. Na sequência desse processo, vieram as renúncias de Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (PFL-DF) pela violação do painel do Senado justamente na votação da cassação de Estevão.

Dos 30 conselheiros eleitos em 27 de junho de 2001 para um mandato de dois anos, 23 tiveram algum tipo de revés em sua vida pública. Começando pelo presidente e pelo

vice. O senador Gilberto Mestrinho (PMDB-AM) não completou três meses na presidência. Assumiu constrangido pela suspeita de que sua missão seria proteger o então presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), de um processo de cassação por denúncias de envolvimento em fraudes na Sudam e no Banpará.

Por causa disso, cinco dos 14 votos na eleição de chapa única formada por ele e pelo senador Geraldo Althoff (PFL-SC) ficaram em branco. Com o aumento da pressão da opinião pública para a cassação de Barbalho, Mestrinho se afastou do Conselho. Depois de alegar problemas de saúde, renunciou. Foi substituído por Juvêncio da Fonseca (PMDB-MS).

Mestrinho tentou se reabilitar candidatando-se a governador do Amazonas, cargo que já ocupou três vezes. Com pouco mais de 20% dos votos, não conseguiu sequer disputar o 2º turno.

Geraldo Althoff também não deu sorte. Primeiro, teve que abrir mão da tentativa de reeleição para dar lugar na chapa a Paulo Bornhausen, filho do presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), que queria fazer inédita dobradinha paternal no Senado. Como compensação, foi indicado para ser vice-governador

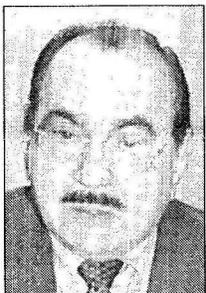
de Santa Catarina, na chapa de Esperidião Amin (PPB). Acabou sendo substituído pelo deputado Eni Voltolini, ex-secretário de Saúde do Estado, por imposição do PPB. Foi então coordenar a campanha de Ciro Gomes (PPS) à Presidência, que naufragou.

Outros quatro senadores do Conselho disputaram eleição para governador. Só Paulo Hartung (PSB-ES) conseguiu se eleger, mas num Estado deteriorado por má administração e envolvimento da elite política com o narcotráfico.

Sergio Machado (PMDB-CE) já tinha renunciado ao Conselho quando disputou o governo do Ceará. Deixou o cargo porque trocou de partido e a vaga pertencia ao PSDB. Com menos de 400 mil votos, nem passou para o 2º turno. Antero Paes de Barros (PSDB-MT) e Ademir Andrade (PSB-PA) iniciaram bem as campanhas, mas sucumbiram à onda que favoreceu aliados do PT. Já a senadora Heloísa Helena (PT-AL) renunciou à candidatura ao governo de Alagoas por discordar da aliança petista com o PL.

Seu colega Saturnino Braga (PT-RJ) não disputou, mas deverá ser julgado pelo Conselho, a seu pedido, por não cumprir um acordo de dividir o mandato com o suplente, Carlos Luppi (PDT-RJ).

breve@jb.com.br



MESTRINHO



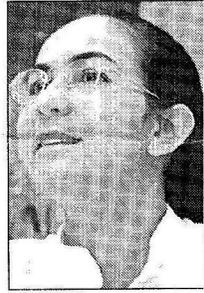
MALDANER



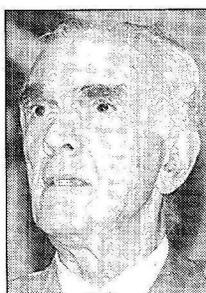
WALDECK ORNELAS



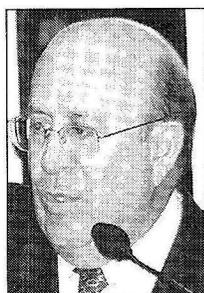
PAES DE BARROS



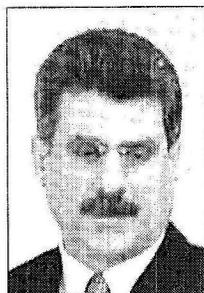
HELOÍSA HELENA



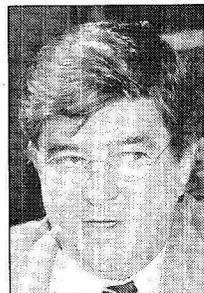
SATURNINO BRAGA



NEY SUASSUNA



ROMERO JUCÁ



SÉRGIO MACHADO



RENAN CALHEIROS